

Check-up na saúde dos alunos

Secretaria de Educação descobre que 10% dos estudantes da rede pública em Planaltina têm problemas de vista

Cristine Gentil
Da equipe do **Correio**

A escola virou consultório médico em Planaltina. Os corredores transformaram-se temporariamente em salas de espera. Ali, ansiosos e medrosos, alunos da rede pública aguardam a vez de se deitar numa cadeira de dentista ou fazer um exame de vista. A maioria deles, pela primeira vez.

São 15h quando Elson de Souza, 8 anos, entra na sala do Caic Assis Chateaubriand, onde dentistas e técnicas em higiene bucal o aguardam. Deixa as havaianas sujas de barro num canto e deita-se, tenso, na cadeira. As unhas grandes fazem marca na palma da mão cerrada, demonstrando o nervosismo. "É a primeira vez que venho ao dentista", justifica.

A doutora dá o diagnóstico. Elson precisa de três extrações e cinco obturações. Começaria o tratamento naquele dia. A mãe Amélia Antônio de Moura, 45 anos, nunca teve condições de levar o filho a um profissional. Naquele dia, sacolejou duas horas de ônibus do Núcleo Rural Sussuarana, no Paranoá, até Planaltina. "É a única oportunidade que tenho. Desde os cinco anos, ele chora com dor de dente. Eu dou remédio para dor e pronto", conta Amélia. Ela espera que o filho não tenha o mesmo destino dela. "Tive que arrancar tudo e botar dentadura

com 18 anos", conta.

Dali, Elson passaria para a sala em frente, onde faria um exame oftalmológico, outra novidade para o terceiro dos quatro filhos de Amélia. Um teste preliminar feito na própria escola já havia detectado que ele precisaria de óculos.

FÁBRICA

Não só ele. Da fábrica de óculos da Secretaria de Educação saem pelo menos 400 pares por mês. Pelo menos 10% dos alunos examinados durante o Mutirão de Saúde Escolar de Planaltina

apresentam problema visual, que varia de simples correção até casos graves como o glaucoma. Essa é a estimativa do coordenador de Saúde da Secretaria de Educação, Pedro Alcântara.

"ÀS VEZES, A NECESSIDADE DE ÓCULOS PODE LEVAR UM ALUNO ATÉ A ABANDONAR A ESCOLA"

Pedro Alcântara
coordenador de Saúde da Secretaria de Educação

Especialista em Saúde Coletiva, Pedro explica que o mutirão faz parte do Programa Integrado de Saúde Escolar, reativado pelo atual governo. Segundo ele, os atendimentos ocorrerão em todas as cidades. "A idéia é atender as 450 mil crianças do ensino fundamental. Neste ano, pretendemos atender pelo menos 100 mil alunos, que são os de primeira matrícula", diz. Muitos deles, como Elson, nunca frequentaram um oftalmologista ou dentista.

O mutirão já passou pelo Núcleo Bandeirante no mês pas-

Acácio Pinheiro



Elson de Souza(D), na dentista: necessidade de extrair três dentes e obturar cinco. Antes, o oculista já havia lhe receitado o uso de óculos

sado. Foram cinco mil atendimentos. Em Planaltina, esse número deve dobrar. Do último dia 12 até 23 de julho, dez mil alunos de 72 escolas urbanas e rurais serão examinados pelo dentista e pelo oftalmologista. Antes, já passaram por uma triagem na própria escola de origem e foram selecionados de acordo com o grau de necessidade. Receberão ainda orientação alimentar e serão pesados e mediados para verificar se estão dentro dos padrões normais de crescimento.

O mutirão vai passar por todas as cidades. A próxima, provavelmente, será Sobradinho. Os profissionais que trabalham no mutirão são da Secretaria de Educação. Parcerias com

clubes de serviço e associações garantem equipamentos e número extra de profissionais, de acordo com a necessidade.

ALÍVIO

"Num dia, fizemos quase 200 procedimentos", avalia a coordenadora da área de Odontologia do Mutirão, Elza Godoi. Ela adianta que apenas os casos mais graves são atendidos. "São alunos com cinco cárries ou mais ou com necessidade de extração", explica.

Um alívio para as crianças que conviviam com dor de dente constante, como Elson. "Uma dor de dente interfere não só no aprendizado, mas em todo o desenvolvimento da criança", explica Elza. "Com um dente

infeccionado, a pessoa engole pus, bactéria e não consegue mastigar direito."

Problemas de vista também prejudicam o desempenho

escolar. "Às vezes, a necessidade de óculos pode levar um aluno até a abandonar a escola", observa Pedro Alcântara. "Isso porque ele tem mais dificuldade de aprender, de acompanhar a turma e acaba sendo um mau aluno."

Além disso, o oftalmologista Luiz Gonzaga Dutra aponta a perda total de visão como fato mais preocupante. "Um problema que pode levar à cegueira tem que ser detectado o mais cedo possível. Crianças de um a sete anos devem se consultar com um oftalmologista pelo

menos uma vez por ano", aconselha. Ele recomenda também que os pais não pinguem colírios nos filhos sem prescrição médica.

Apesar dos alertas, pais e mães carentes explicam não ter condições de cumprir essa recomendação. Aos 11 anos, Vanessa Amorim de Castro nunca havia sido examinada por um oftalmologista. O primeiro exame foi assustador. Um teste preliminar detectou apenas 20% de visão nos dois olhos da menina. "Dá pra ver pouquíssima coisa na escola", conta Vanessa. "Ela reclamava muito de dor de cabeça", completa a mãe Lucinete Amorim, que mora no condomínio Ara-poanga, em Planaltina.